



VOZ DA FÁTIMA

Muito conveniente é que o povo cristão, tendo alcançado de Cristo a vida divina por meio de Maria, depois de tributar as devidas homenagens ao Sacratíssimo Coração de Jesus, preste também ao amantíssimo Coração da Mãe do Céu o seu preito de piedade, amor, gratidão e reparação. Com este sapientíssimo e suavíssimo desígnio da Divina Providência se harmoniza perfeitamente a consagração e dedicação que fizemos solenemente da Santa Igreja e do Mundo inteiro ao Coração Imaculado da Bem-aventurada Virgem Maria.

Da última Encíclica de S. S. Pio XII, sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 2336
Composto e Impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXIV — N.º 406
13 de JULHO de 1956

Avença

Excursões e Peregrinações

Uma das grandes preocupações dos que têm sobre si a missão de não deixar perder ao Santuário da Fátima, apesar do aspecto diferente pelas obras necessárias de engrandecimento e aformoseamento, o seu espírito primitivo, é sem dúvida a de manter às peregrinações o carácter de recolhimento, de espontânea simplicidade, de oração e de penitência, com que começaram.

Querem a todo o custo evitar que as peregrinações degenerem em excursões, que uma coisa se confunda com a outra.

Evidentemente, ninguém pode impedir que uma camioneta com excursionistas, passando do Castelo do Bode para a Nazaré, pare por uma hora na Cova da Iria e todos vão dar uma volta pelo Santuário. Nem tão-pouco que uma família endinheirada, viajando de automóvel, torça no seu caminho, para ir ver «como aquilo está agora». Ninguém o pode impedir, é certo, mas pode e deve exigir-se a estes excursionistas, visitantes accidentais, que saibam guardar respeito, no porte, na indumentária, em tudo, convencidos de que é santa a terra que pisam.

Também não é possível, nem seria razoável, proibir que um grupo que vem à Fátima em verdadeiro espírito de peregrinação, aproveitando um ensejo que talvez para muitos nunca se repita, se sirva da viagem que os trouxe aqui para, à vinda ou à volta, visitarem e ficarem a conhecer certas terras do percurso. Mas devem evitar tudo o que destoe e não pode

merecer elogios e chega a escandalizar a maneira como alguns grupos, nessas terras visitadas, se excedem em descantes e folguedos nada apropriados em «peregrinos» que vêm da Fátima. Também não é razoável e faz doer a alma, ver, nos dias 13, chegar camionetas à Cova da Iria, ostentando em grandes letreiros, estas palavras despropositadas: «Excursão de... à Fátima».

Resumindo: Não se pode evitar que os turistas e excursionistas visitem, como tais, o Santuário da Fátima, antes serão sempre bem-vindos; mas pode pedir-se-lhes que, durante a sua permanência nele, se apresentem e que procedam como verdadeiros peregrinos.

Não se pode evitar que os verdadeiros peregrinos, principalmente dos dias 13, sejam também, durante a viagem, um pouco excursionistas; mas pode pedir-se-lhes que, fora do Santuário, nas paragens ou em andamento, não esqueçam as responsabilidades que o seu título honroso de «peregrinos» lhes impõe.

Pelo que diz respeito às peregrinações propriamente ditas, as normas que as regulam estão de há muito fixadas pela Santa Sé, num documento claro e que dispensa comentários. Interessa a todos. Vamos publicá-lo, para ele pedindo, de modo especial, a atenção das pessoas responsáveis. O cumprimento do que está superiormente estabelecido muito auxiliará a tarefa e diminuirá as preocupações dos Directores do Santuário.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CONCÍLIO

DECRETO

acerca da direcção das Peregrinações dos fiéis aos Santuários mais célebres

Entre as manifestações públicas e sociais da piedade cristã na Igreja Católica, ocupam lugar especial, já desde tempos antiquíssimos, as peregrinações aos mais célebres Santuários dedicados a Deus, à Santíssima Virgem e aos Santos, as quais muito contribuem para se fazer penitência, para se professar e confirmar a Fé, e para se darem graças pelos benefícios recebidos de Deus.

Não é pois de admirar que, em razão do aumento actual das facilidades e comodidades das viagens, essas peregrinações se tenham tornado mais frequentes, graças sobretudo à diligência de diversos grupos, constituídos em quase todas as Nações para as promoverem e dirigirem.

Mas também todos vêm como as facilidades e comodidades das comunicações, a que aludimos, provocam o aumento das excursões de turismo, ou para visitar as cidades, ou para fomentar o estudo ou as artes, ou coisas semelhantes.

Estes factos podem por certo causar danos às peregrinações aos Santuários, se a Autoridade eclesiástica, à qual exclusivamente compete a direcção dos actos religiosos e de piedade cristã, não estabelecer a disciplina conveniente, e até na medida em que for necessário, comum em toda a parte.

Portanto esta S. Congregação do Concílio, com a aprovação de S. Santidade o Papa Pio XI, prescreve aos Ordinários do lugar, que na organização e execução das peregrinações, se observem as normas seguintes.

1. As peregrinações revistam sempre carácter verdadeiramente religioso, e considerem-se e realizem-se como actos de piedade cristã, e distingam-se claramente das excursões com mero carácter recreativo. Portanto exclua-se absolutamente tudo o que for menos consentâneo com este fim religioso e de piedade, e evite-se tudo o que possa levar a concluir que estas peregrinações, ainda que organizadas sob o aspecto religioso, de facto são principalmente empreendidas por diversão ou recreio.

2. O direito de promover e organizar essas peregrinações compete exclusivamente à legítima Autoridade eclesiástica. Portanto, nenhum grupo, nem sequer os que sejam organizados por Institutos religiosos ou suas associações, se pode constituir sem que seja promovido ou pelo menos aprovado pela mesma Autoridade. E, sobretudo se muitos grupos se destinam ao mesmo fim, procedam todos de igual forma, e segundo a ordem e tempo que lhes for determinado.

3. A mesma Autoridade eclesiástica deve procurar que a preparação e a direcção das peregrinações seja confiada a pessoas escolhidas; nem falte nunca um eclesiástico que desempenhe o múnus de director espiritual.

4. Ao estabelecerem os preços, procurem os directores que as peregrinações sejam acessíveis mesmo a pessoas de condição modesta. Portanto, nada se exija aos peregrinos além do requerido por uma administração prudente, pondo de parte toda a ideia de lucro.

5. Os membros do clero secular e religioso não se intrometam na organização técnica de tais peregrinações, por isso ser menos conforme com a dignidade eclesiástica. Entregue-se esse cuidado a leigos honestos e competentes, aos quais se exija a todo o custo que na peregrinação nada haja que desdiga do seu fim religioso, e até tudo contribua para fomentar a piedade cristã.

Dado em Roma, a 11 de Fevereiro de 1936.

I. Card. SERAFINI, Prefeito
I. Bruno, Secretário

Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria

A comemorar o 25.º aniversário da Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa disse algumas palavras no dia 13 de Maio, antes de renovar essa consagração. Já a elas nos referimos, mas nunca será de mais insistir.

Começou Sua Eminência por dizer que há 25 anos, nesta hora e neste lugar, foi feita pelo Episcopado Português, em nome da Nação inteira, a consagração do País ao Imaculado Coração de Maria. Nessa altura, tivera ocasião de dizer que veio Portugal, pela primeira vez, agradecer à Virgem Santíssima a sua vinda à terra que é nossa, mas que foi primeiro d'Ela — Terra de Santa Maria.

Prosseguindo, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, com emoção mal contida, afirmou que, passados vinte e cinco anos, cumpria saber como respondeu Nossa Senhora à consagração que aqui Lhe fizemos. E acrescentou, com vibrante entusiasmo, que era tempo de declarar publicamente que foi com essa consagração — sem com isso querer diminuir o valor dos esforços de governantes providenciais — foi graças a essa consagração, graças a Nossa Senhora, que, num mundo todo em labaredas de guerra, Portugal ficou em paz!

Primeiro foi em 1936, nessa «hora infernal» em que a Nação irmã, a Espanha, «viu abrirem-se as suas veias para inundar de sangue essa terra heróica». Portugal ficou em paz! Veio depois a maior guerra de todos os tempos. O fogo já não se limitou a uma nação; quase tomou a terra toda. E Portugal, graças à protecção de Nossa Senhora, ficou em paz!

Recordou depois que, seis meses antes da data em que começou a conflagração, Setembro de 1939, o Senhor Bispo de Leiria lhe enviara uma carta da vidente viva, em que ela dizia: «Senhor Bispo, a guerra predita por Nossa Senhora está iminente. Deus vai lavar as Nações no próprio sangue. As nações que sofrerão mais, serão as nações que quiseram destruir o reino de Deus. A Espanha já sofreu o seu castigo, mas Portugal, graças à consagração da nação inteira, que o Episcopado Português fez ao Coração Imaculado de Maria, Portugal sofrerá algo das consequências da guerra, mas Nossa Senhora o protegerá».

Sua Eminência continuou: «Isto nos primeiros dias de Fevereiro de 1939! Seis meses depois rebentava a guerra! Toda a gente sabe hoje que, a certa altura, as tropas alemãs se começaram a aprestar para invadir a Península, ao sul da França, mas levantou-se braço mais poderoso que o dos homens, e Portugal ficou em paz! Aliás já o facto foi publicamente apontado por um dos historiadores de Fátima, referindo-se à carta que em 1942 (a guerra terminou em 1945) foi enviada a Sua Santidade Pio XII, pedindo a consagração do Mundo, com menção expressa da Rússia, para que a guerra fosse abreviada e mais tarde a Rússia se convertesse. Nessa carta se dizia que o Santo Padre teria um sinal: tinha em Portugal o exemplo e o penhor do que Deus, por intermédio do Coração Imaculado de Maria, reservava para o mundo. E Portugal ficou em paz!

E agora pergunto-vos a vós todos, pergunto ainda aos que não estão aqui, a todos os portugueses onde quer que se encontrem, se eles atenderam já à Mensagem de Nossa Senhora, se vivem na graça de Deus, como filhos de Deus e da Santa Igreja, na fé, na esperança, na caridade.

Vamos renovar a consagração de Portugal, feita aqui há um quarto de século. Evoquemos, novamente, gratos e confiantes, o Coração Imaculado de Maria e confiemo-nos a Ele, mas confiarmo-nos a Ele significa isto: cumprir os mandamentos de Deus e da Santa Igreja; viver na oração e no sacrifício que exige o cumprimento do nosso dever de estado. E para vós todos que ouvistes o apelo da Santíssima Virgem, significa ainda que não deve haver, em Portugal, um único lar onde se não reze diariamente o terço de Nossa Senhora».

Quando rezais o terço, dizei depois de cada mistério: Ó MEU JESUS, PERDOAI-NOS, LIVRAI-NOS DO FOGO DO INFERNO, LEVAI AS ALMINHAS TODAS PARA O CÉU, PRINCIPALMENTE AS QUE MAIS PRECISAREM.

Palavras de Nossa Senhora em 13 de Julho

Peregrinação de 13 de Junho

NO MÊS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Nos manuscritos da Irmã Lúcia de Jesus, onde a Vidente se detém a descrever as Aparições do Anjo, lê-se que o Celeste Mensageiro, ao revelar-se pela primeira vez aos três pastorinhos reunidos na Loba do Cabeço, depois de os fazer prostrar e repetir os actos de Fé, Esperança e Caridade, que constituem a chamada «Oração do Anjo», lhes disse: — «Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas». Um tempo mais tarde, quando os pastorinhos passavam a hora cálida da sesta conferenciando debaixo do arvoredado que ensombra o poço da Lúcia, de repente o mesmo Anjo, como descreve a Vidente, surge ao pé deles e dirige-lhes esta intimativa: — «Que fazeis? Oraí, oraí muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós designios de misericórdia». Ainda na terceira aparição, que teve lugar na pregueira entre Aljustrel e Casa Velha, o Anjo fala nos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, nessa formosa oração reparadora hoje mundialmente conhecida.

Duma análise sumária aos citados escritos da Vidente, ressalta que a economia do plano divino revelado na Fátima assenta na Mediação Maternal de Maria — crença universal que toda a Cristandade anseia por ver definida como Dogma — inclinando para os homens o Coração do Verbo, seu Deus e seu Filho, e atraíndo as almas para os caminhos da graça onde a misericórdia do Coração Divino se patenteia. Repete-se aqui, na realidade, a figura bíblica representada por Ester junto do grande Assuero. Na Fátima, o Rei Divino estende o cetro do seu poder à Rainha do Mundo, que intercede pelos da sua raça condenados a perecer. E neste comércio sagrado importa que, sobretudo durante a celebração do 1.º centenário da extensão a todo o orbe católico da festa do Sagrado Coração de Jesus, estabelecida por decreto de Pio IX datado de 23 de Agosto de 1856, cada cristão marque uma posição activa e que, realizando o santificador augúrio do actual Vigário de Cristo, na recente Encíclica «*Haurietis Aquas*», «*todos os que se gloriam do nome de cristãos e lutam estrênuamente pelo estabelecimento do Reino de Cristo no mundo, tenham a devoção ao Coração de Jesus como bandeira e princípio de unidade, de salvação e de paz*».

OS FIÉIS NA FÁTIMA NA PEREGRINAÇÃO MENSAL DE JUNHO

Muitos milhares de fiéis se concentram na Fátima na última peregrinação mensal. O deslumbrante espectáculo da procissão das velas renovou-se em toda a sua beleza. As luzes dos fachos foram-se apagando à medida que a procissão caudalosa estacionava defronte da Basílica. No altar foi colocada a Luz do Mundo — o Pão transubstanciado no Corpo Sacrossanto de Cristo. As preces fervorosas subiam para Jesus Sacramentado. E novas luzes se iam acendendo no íntimo das almas que quiseram velar naquela hora, naquela noite, com o Divino Prisioneiro da Eucaristia. Na chamada adoração geral, primeira hora da velada nocturna, pregou o Rev. Dr. Bernardo Xavier Coutinho, Professor no Seminário Teológico do Porto e Assistente Diocesano da L. U. C. F. — oração sapiente, continuada na homília da Missa dos Doentes na manhã seguinte: Maria, a sua Mensagem trazida à Fátima, a nossa correspondência.

Na Missa da Comunhão geral o «Pão vivo descido do Céu» foi distribuído a cerca de 10.000 almas. E a celebração de Missas, iniciada manhã cedo, e a distribuição da Sagrada Eucaristia, e o serviço de Confissões em labor activíssimo desde a véspera e por toda a noite, enchem totalmente a manhã.

O sol dardeja luz e calor e a multidão concentra-se em redor da pequenina Capela por onde mal se pode romper. Como sempre, há a procissão e em seguida a Missa oficial, celebrada por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Auxiliar de Leiria.

Ao Evangelho sobe ao púlpito o orador da primeira vigília nocturna, que começa por afirmar que «na nossa devoção, na maneira como encaramos a nossa religião, o lugar da SS.ª Virgem é para nós primordial». Isto porque «desde tamanhos nos habituámos a sentir Nossa Senhora, Mãe de Deus, muito próximo de nós».

No Posto Médico tinham-se inscrito 268 doentes para a Bênção Eucarística individual. O venerando Celebrante conduziu a Sagrada Custódia para junto dos enfermos. À umbela um jovem holandês, João Wigman, que durante mais de dez anos permaneceu prisioneiro em campos de concentração na Rússia: em Lujanka, em Karaganda, na Sibéria. Após a libertação, escreveu o livro famoso «*Desses milhões de seres eu era um*», obra especialmente abençoada por Sua Santidade Pio XII. Antes da bênção dos doentes, Mons. Marques dos Santos lera ao microfone a comovente «Oração por milhões de irmãos nossos que ainda se encontram na Rússia Soviética» «...baptizados e maltratados, minados pela doença e esgotados de forças... completamente sós na morte, ao abandono!»

O Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, assistiu às cerimónias, e para S. Ex.ª Rev.ª foi a primeira bênção individual de Jesus Sacramentado, antes de ser dada aos enfermos, sob a colunata, entre os quais se encontravam 30 doentes do Hospital Rovisco Pais, sob os cuidados das Religiosas de S. Vicente de Paulo.

Frente ao altar, na escadaria, postaram-se em ordenado friso 37 alunos da Escola C. de Sargentos de Águeda, que na 2.ª procissão conduziram o andor de Nossa Senhora. Entre os numerosos grupos de peregrinos vindos do estrangeiro, destacava-se um de 40 vienenses, que vieram propositadamente da Áustria com o Rev. P.º Odílio Flagel, para agradecer a Nossa Senhora a vitória retumbante sobre os socialistas e comunistas nas eleições de 13 de Maio último, tão lembradas na Fátima nas orações colectivas da grande peregrinação. Na verdade Nossa Senhora, Estrela da Manhã, é o Luzeiro que há-de alumiar o crepúsculo dos tempos. A sua palavra revelada aos pastorinhos da Fátima terá sempre perene actualidade: «...Se atenderem os meus pedidos, terão paz!»

VISCONDE DE MONTELO

Os Mistérios do Rosário no cinema

A Cruzada Mundial do Rosário em Família, fundada e dirigida pelo P.º Peyton, está a realizar nos estúdios Sevilla Films, de Madrid, a filmagem de «Os Mistérios do Rosário». Trata-se de quinze fitas coloridas, cada uma com a duração de meia hora; ao todo, portanto, serão sete horas e meia de projecção.

É esta a empresa de maior envergadura levada a cabo, até hoje, na história do cinema religioso.

Nesta gigantesca produção toma parte um elenco técnico e artístico de primeira qualidade. Nos principais papéis entram os portugueses António Vilar e Vergílio Teixeira.

O rosto de Jesus nunca se verá nestes filmes.

O espírito dos actores e atrizes manifesta-se neste incidente, ocorrido há pouco. Na cena da flagelação, o homem que fazia as vezes do Senhor — um jogador de box profissional — quis receber os açoites directamente, sem camuflagens, como é corrente em Hollywood. Quando, no fim do trabalho, o Director Breen Junior mostrou pena pelos vergões que lhe via no dorso, a resposta foi só esta: «Jesus ainda tinha mais».

OS SERVOS DE DEUS

FRANCISCO E JACINTA MARTO



Quando rezámos o terço na prisão, o Francisco viu que um dos presos estava de joelhos com a boina na cabeça. Foi junto dele e disse-lhe: *Vossemecê, se quer rezar, tem de tirar a boina.* E o pobre homem, sem mais, entrega-lha e ele põe-na em cima do seu carapuço sobre um banco.

Enquanto interrogavam a Jacinta ele dizia-me com imensa paz e alegria: *Se nos matarem, como dizem, daqui a pouco estamos no Céu! Mas que bom! Não me importa nada!* E passado um momento de silêncio: *Deus queira que a Jacinta não tenha medo. Vou rezar uma Ave-Maria por ela.* Sem mais, tira o carapuço e reza. O guarda, ao vê-lo em atitude de rezar, perguntou-lhe: *Que estás a dizer?* — *Estou a rezar uma Ave-Maria para que a Jacinta não tenha medo.* O guarda fez um gesto de desprezo e deixou correr.

Agradecem graças e enviam esmolas

Manuel de Almeida Pais, Santa Comba Dão, 20\$00
D. Ana José Vieira, Setúbal, 50\$00
José Nunes, Verdemilho, 50\$00
D. Rosa Lopes, Verdemilho, 20\$00
D. Rosa Amélia Dinis Peixoto, Meade, 10\$00
D. Judith Heleno, Lisboa, 50\$00
D. Idalina Calçada, Lisboa, 50\$00
D. Irene Costa, Quelimane, 50\$00

P.º Domingos Raposo, Gentio, 20\$00
D. Adalina Marques dos Reis, 20\$00
D. Maria da C. Gomes, Crestuma, 20\$00
D. Maria Celeste Gomes, Feira, 20\$00
D. Madalena Beatriz da Silva, Feira, 10\$00
D. Almeida Antas, Vila Nova de Famalicão
D. Edite da Silva, Viseu
D. Helena Adelaide de Moreira Lopes, Casevor, 50\$

PALAVRAS DUM MÉDICO

Primeira vez: A última oferta do P.º Gnocchi

II — Sua repercussão em Portugal

A conhecida oferta do benemérito sacerdote italiano, divulgada pela imprensa do mundo inteiro, fez com que por toda a parte se falasse muito nos enxertos de córnea, nas queratoplastias. E diga-se em abono da verdade, nem sempre as informações dos jornais traduziram as limitações e possibilidades destas operações. Falou-se de modo sensacional, mas nem sempre verdadeiro.

A queratoplastia é técnica operatória e meio de tratamento conhecidos há muito, que entraram na clínica graças, sobretudo, a experiências e estudos efectuados na Europa, no intervalo das duas grandes guerras. Nos últimos dez anos, a queratoplastia tornou-se uma operação vulgar em muitos países, com esplêndidos serviços já prestados à causa da profilaxia da cegueira. É por isso que várias nações do velho e novo mundo organizaram o abastecimento de olhos de cadáver para enxertos de córnea; Nova Iorque, por exemplo, possui há mais de dez anos, um banco de olhos, encarregado de colher, conservar e distribuir córneas para queratoplastias.

Por oferta dos seus habitantes ou por determinação da lei a colheita dos olhos poucas horas depois da morte, vários países têm, pois, resolvido o problema do material plástico para as queratoplastias, o único problema que entre nós impede o emprego e difusão de tão proveitoso meio terapêutico. A queratoplastia não é, pois, uma operação nova e o seu sucesso não constitui de modo nenhum excepção, antes, pelo contrário, o resultado habitual. Sem pretender diminuir o relevante gesto do P.º Gnocchi, não há dúvida de que num e noutro país se fazem há muito ofertas de olhos com



Combinámos, sempre que encontramos os tais pobreziños (da Moita), dar-lhes a nossa merenda. E as pobres crianças, contentes com a nossa esmola, procuravam encontrar-nos e esperavam-nos pelo caminho. Logo que os víamos, a Jacinta corria a levar-lhes todo o nosso sustento desse dia, com tanta satisfação como se não lhe fizesse falta. Era então o nosso sustento nesses dias: pinhões, raízes de campainhas (é uma florzinha amarela que tem na raiz uma bolinha do tamanho duma azeitona), amoras, cogumelos e umas coisas que colhíamos na raiz dos pinheiros, que não me lembro agora como se chamam, ou fruta, se a havia perto nalguma propriedade pertencente a nossos pais.

A Jacinta parecia incansável na prática do sacrifício.

(Das «Memórias» da Irmã Lúcia)

aquela finalidade, e não há dúvida, também, de que o sucesso operatório conseguido com as córneas do caridoso e heróico sacerdote italiano não representa senão o resultado habitual da operação executada. Por isso, muito do que se escreveu é pelo menos exagerado.

Não me atrevo, porém, a afirmar que o que se fez fosse inútil e muito menos prejudicial. Proíbe a lei portuguesa, como de resto a da maior parte das nações, a colheita de qualquer órgão num cadáver antes de decorridas 24 horas sobre a morte. Por isso os oftalmologistas nacionais procuraram interessar o Governo, há já vários anos, no sentido de se possibilitar, em determinados casos e sem mutilações aparentes, a colheita de olhos para enxertos de córnea, dentro das leis da moral e no mais completo respeito pelos mortos. Alguns passos já foram superiormente dados nesse sentido, o que acalenta a esperança dos oftalmologistas portugueses, e mais ainda de milhares de doentes cegos, de que brevemente lhes serão facilitados meios de tratamento correntes noutros países. O bem do próximo e o interesse e prestígio da Nação a isso obrigam.

Ora, falar das queratoplastias e interessar o nosso povo por este método terapêutico é, de certo modo, facilitar a resolução do problema. Daí, o que se escreveu com roupagens de acontecimento sensacional várias vezes, não ter sido possivelmente inútil e muito menos prejudicial. E Deus sabe se desta maneira os olhos do benemérito sacerdote italiano não ajudarão ainda a dar vista a cegos portugueses. Se assim for, bendigamos nós também a Providência na última oferta do venerando P.º Gnocchi.

SILVA PINTO

Porto, 29 de Abril de 1956.



Peregrinos da Fátima cumprem as suas promessas, dando voltas de joelhos à Capelinha

MOVIMENTO DO SANTUÁRIO

JUNHO

Na impossibilidade de, nestes meses de verão, dar notícia mais desenvolvida do grande número de retiros, cursos, peregrinações, etc., de que é teatro o Santuário, temos de contentar-nos com dar aos nossos leitores um curto resumo.

MAIO

Nos dias 17 e 18 estiveram no Santuário 130 finalistas de Teologia de quase todos os Seminários do País, para consagrar a Nossa Senhora da Fátima o seu futuro apostolado sacerdotal.

Organizada pela revista «Horizontes» de Cazorla (Jaén), Espanha, esteve no dia 19 uma peregrinação de 120 pessoas. Presidiu às cerimónias Mons. D. Félix Romero Menjibál, Bispo de Jaén. Tiveram as cerimónias habituais das grandes peregrinações.

A 19 e 20, veio uma peregrinação do Asilo da Infância Desvalida, de Évora.

No dia 22 chegou uma peregrinação de Barcelona, Espanha, composta de mais de 100 pessoas.

A Obra Italiana «Peregrinações Paolinas», trouxe à Fátima o seu primeiro grupo deste ano, composto de 30 peregrinos de diversas localidades de Itália.

Presidida pelo P.^o Inácio Veigas, capuchinho, esteve na Cova da Iria, no dia 22, a peregrinação da colónia espanhola de Lisboa. Eram 125 senhoras.

Mais de mil peregrinos vieram à Fátima nos dias 26 e 27, em peregrinação organizada pelos Padres Salesianos do Porto. Nestes mesmos dias, peregrinos da freguesia da Graça, de Lisboa, e alunos do Colégio Manuel Bernardes, também de Lisboa, realizaram diversas cerimónias em honra de Nossa Senhora.

Celebrou Missa na Basílica o Senhor Bispo de Porto Alegre, Brasil, e na Capelinha, em rito bizantino, o sacerdote egípcio P.^o André Nicol Kahla.

Esteve na Cova da Iria no dia 28, acompanhado de sua esposa, o Sr. Clifton Rishel, Mayor da cidade de Oakland, Califórnia, Estados Unidos da América.

Nos dois últimos dias de Maio, visitaram Nossa Senhora da Fátima, 260 peregrinos, entre alunos e professores, do Colégio de S. João de Brito, Lisboa, dos Revs. Padres da Companhia de Jesus.

Começaram as obras nos edifícios dos Hospitais, para sua integração no conjunto arquitectónico do Santuário.

Organizada pelos Revs. Padres Redentoristas, efectuou-se nos dias 2 e 3 uma grande peregrinação, formada sobretudo de peregrinos do Norte do País. O número de peregrinos foi calculado em 8 mil.

De 3 a 7, 110 raparigas-doentes tomaram parte num retiro organizado pela J. C. F.. Vieram 110, sendo 83 do Sanatório de Celas.

Estiveram também em retiro espiritual, de 4 a 8, 16 Senhoras pertencentes à L. I. C. F. de Leiria.

No dia 3, a L. U. C. F. realizou a sua peregrinação anual. Nela tomaram parte cerca de 100 Senhoras, Professoras das Universidades e Liceus.

Acompanhado do Rev. Leão Deschatelets, Geral dos Oblatos de Maria Imaculada, visitou o Santuário, no dia 3, Monsenhor Denis Hurley, Bispo de Durban, na África do Sul. Ambos celebraram a Santa Missa na Capelinha das Aparições.

No mesmo dia 3, veio Mons. Dr. Eugénio Beitia, Bispo Coadjutor de Badajoz, com uma peregrinação da sua Diocese. Tiveram Missa na Capelinha.

Também a 3, estiveram 30 Congregadas Marianas suíças. Acompanhava-as o Rev. Dr. João Niederer.

Cerca de 40 refugiados russos que vivem em Paris estiveram na Cova da Iria, acompanhados pelo P.^o Rouet de Journal, director da Biblioteca Jugoslava de Paris.

Passaram pela Fátima diversos Professores Catedráticos de Madrid e Salamanca, que tinham vindo a Portugal tomar parte no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Acompanhava-os o Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Leite Pinto, Ministro da Educação Nacional.

Também estiveram no Santuário, onde assistiram à Missa e se reuniram num almoço de confraternização, os membros da União Internacional das Associações Patronais Católicas.

Cerca de 400 membros da Sociedade de S. Vicente de Paulo vieram em peregrinação com alguns pobrezninhos, nos

MUSEU-BIBLIOTECA

Graças a Deus e à protecção da Santíssima Virgem, não há desânimo nas fileiras dos amigos — que já os tem e dedicados — do Museu-Biblioteca da Fátima que tem continuado a receber ofertas valiosas.

Hoje contarei apenas o que diz respeito a um aspecto: o arquivo do Santuário que se encontra em organização real. Estão a classificar-se os documentos escritos e a pôr em ordem o arquivo fotográfico, constituído pelas provas que foi possível recolher. Material interessantíssimo está a ser ordenado.

E pensa-se, desde já, que em breve, ao lado das provas positivas teremos, com a conveniente numeração, os clichés ou negativos, indispensáveis ao bom funcionamento da secção.

Assim é que posso anunciar, desde já, que colaborará activamente nesta secção o senhor Major Alípio Vicente, um velho amigo da Fátima que, de colaboração com o Senhor Bispo de Leiria, deve ter efectivado o mais rico arquivo fotográfico respeitante a Fátima. Esse arquivo que existe — dizem-me que em boa ordem — virá para o Santuário, onde ficará ao serviço de todos.

Mas mais. Fui encontrar nas arrumações do Museu um caixote. Que continha? Uma colecção de clichés de um fotógrafo profissional. Morto há pouco, seus filhos ofereceram-no ao Santuário. Pois saibam-no todos. Esta oferta valiosíssima vai ser aproveitada. Será a primeira pedra do arquivo fotográfico da Fátima. Estes clichés serão todos reproduzidos, numerados e interpretados a fim de começarem a servir os grandes interesses do Santuário, cuja projecção internacional, se é de molde a poder vangloriar-nos, nos impõe responsabilidades graves.

E a terminar resta-me pedir a todos os fotógrafos amadores que tenham velhos clichés feitos nas suas idas ao Santuário da Fátima, que os ofereçam a Nossa Senhora. Quem sabe, se não é nessas velharias em que já nem sequer reparam, que nós encontraremos dados preciosos para a história dos grandes acontecimentos sobrenaturais de que a nossa terra foi teatro?!

Leitor amigo, diga a todos os seus amigos este meu pedido. Propague-o. Peça todos os negativos fotográficos a todos os que os tiverem.

Datem-nos, se for possível. Depois, devidamente aconchegados, enviem-nos para o Museu-Biblioteca.

Muito obrigado.

CRONISTA X

UM LIVRO do Visconde de Montelo

Sonetos — Paráfrase da Ladaíinha Lauretana

Visconde de Montelo, o primeiro historiador dos grandes acontecimentos da Fátima, que em 1917 interrogou os Videntes logo depois das aparições, acompanhando e notando por escrito os factos e testemunhos mais valiosos, depois de longa carreira toda consagrada ao serviço e à glória da Mãe de Deus, tece-lhe um mimoso poema de 49 Sonetos — Paráfrase da Ladaíinha Lauretana, e rematando a obra com «Prece Ardente», soneto autografado em que transparece toda a sua alma e a sua vida.

No «Prefácio» o Senhor Arcebispo Primaz de Braga, discípulo de Visconde de Montelo nos tempos em que frequentaram a Pontifícia Universidade Gregoriana, diz: «Visconde de Montelo, o estimado arauto de Nossa Senhora de Fátima, resolveu-se a retomar a sua maviosa e experimentada lira para nos presentear com linda Paráfrase da Ladaíinha Lauretana, em verso...»

O ilustre filólogo Prof. Doutor Rebelo Gonçalves, na «Carta-Prefácio» em que se dirige ao seu «querido Mestre e Amigo» «...saúda e festeja com o mais afectuoso apreço a Paráfrase da Ladaíinha Lauretana. E, sob a impressão da sua leitura, que fez com devotado e comovido enlevo, compraz-se em aclamá-la pelas suas virtudes bem distintas: pela fervorosa convicção das ideias expressas, própria de quem dedicou a vida inteira a uma crença e por ela tem sempre pautado acções e aspirações, pela rara delicadeza da inspiração religiosa, que dir-se-ia dar a muitos versos os melhores acentos de Frei Agostinho da Cruz, pela correcção e pureza de linguagem... pelos primores da construção poética...»

Tem interesse «A História deste Livro» contada por Ancilla. Conclui por estas palavras: «Sentindo o rápido declínio das suas forças, Visconde de Montelo, na intimidade, chamou a esta realização o seu «canto de cisne». Todavia esse concerto inspirado perpetuar-se-á em novíssimas vibrações...»

Visconde de Montelo constituiu as Religiosas Reparadoras da Fátima proprietárias desta obra e de todos os seus livros consagrados à Fátima. A depositária é a Casa de Nossa Senhora das Dores, na Fátima, para onde podem estes livros ser requisitados.

Como afirma o Senhor D. António, Arcebispo Primaz, ao fechar o Prefácio, com a publicação do presente livro «ficam de parabéns as letras pátrias, que não só a devoção religiosa e Mariana».

M. F.

dias 9 e 10. Presidiu o Senhor Arcebispo de Cízico.

Durante os dias 8, 9 e 10, reuniram-se nas Casas dos Retiros algumas dezenas de dirigentes do Corpo Nacional de Escutas, para o seu Conselho Anual.

Vários Monsenhores e Párocos americanos e luso-americanos têm passado pela Cova da Iria, confessando-se encantados com tudo o que vêem.

A 10 e 11, esteve uma peregrinação francesa de 13 pessoas organizada por «Vacances Voyages», de Paris.

A 14 começou um retiro para Senhoras, em número de 19, dirigido pelo Rev. P.^o Manuel Baptista, S. J., Vice-Postulador da Causa do Senhor P.^o Cruz.

Um contingente de 280 oficiais e marinheiros da Esquadra Francesa surta no Tejo, vieram à Fátima. Ouviram a Santa Missa na Basílica e percorreram o Santuário com o maior interesse.

Dois grupos de soldados americanos em serviço na Alemanha, acompanhados de algumas pessoas civis, estiveram também na Cova da Iria, mostrando quase todos o desejo de voltar com mais demora.

O Director Geral da Guarda Civil de Espanha, General D. Paulo Martin Alonso, visitou o Santuário, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa e de luzida comitiva de Oficiais espanhóis e portugueses.

Na semana de 17 a 23, fizeram os Ex.^{mos} Prelados o seu retiro espiritual na Fátima. Foi conferente o Rev. P.^o José Craveiro da Silva, Provincial da Companhia de Jesus.

A 18 e 19, esteve uma peregrinação espanhola de Vigo, composta de 37 pessoas.

Nos últimos dias de Maio e em Junho, até ao dia 18, passaram pelos Serviços de Informações do Santuário 440 peregrinos de 21 países diferentes. O maior número foi de espanhóis (124), franceses (117) e norte-americanos (65).

De 19 de Maio a 19 de Junho, receberam hospedagem nas Casas dos Retiros 1.714 peregrinos ou exercitantes. Se a este número se juntarem os que ficam pelas pensões e casas religiosas, ter-se-á uma ideia aproximada do movimento diário da Cova da Iria.

UNIVERSALIDADE DA MENSAGEM

A Exposição da Peregrinação mundial de Nossa Senhora da Fátima, inaugurada solenemente no 1.º de Junho no Castelo de S. Jorge, põe em evidência a universalidade da Mensagem transmitida pela Santíssima Virgem aos Videntes da Cova da Iria.

Que a Mensagem é universal de direito ou nos seus princípios, ninguém pode duvidá-lo. Nossa Senhora veio lembrar aos homens deste século, materialista e pagão, os seus destinos eternos e as condições necessárias para alcançá-los. O Evangelho, no seu processo de iluminação, de purificação e de ascensão sobrenatural, por meio da ascese, está, todo ele, resumido na celestial Mensagem da Senhora. Por isso, a sua universalidade consiste, afinal, na universalidade do próprio Evangelho.

Mas como se tem traduzido na vida ou de facto essa universalidade de direito?

Recuemos alguns anos na história da Fátima que entrou na história religiosa do mundo. Até à consagração do género humano ao Coração Imaculado de Maria, pela voz augusta de S. S. Pio XII, que se dignou fazê-la em português, em Outubro de 1942, no encerramento do 1.º Ano Jubilar das Aparições, até essa data histórica a grande Mensagem mal lograra transpor as fronteiras de Portugal. Desde então, porém, mercê das palavras de Sua Santidade, os povos do mundo inteiro começaram a olhar para Fátima como nova luz de esperança e de redenção que a Senhora misericordiosamente viera acender na terra. A procissão das Peregrinações de Portugal à Cova da Iria continuou seu curso já habitual, mas em ritmo fremente, e as Peregrinações do Estrangeiro multiplicaram-se de maneira prodigiosa. Fátima tornou-se verdadeiramente um altar do mundo.

Quem algum dia andou lá por fora, conhece a ansiedade com que povos distantes desejavam saber os pormenores das Aparições.

Todavia, o conhecimento de muitas gentes não chegaria a penetrar

fundo nas almas, ateando lumes de devoção. Para isso, parecia necessário que de longe viessem alumiar-se e aquecer-se na sarça ardente da nova Terra Santa. Mas, por frequentes e numerosas que fossem as Peregrinações, a grande multidão ficaria sempre na impossibilidade de realizar a viagem longínqua e dispendiosa.

Mas já que muitos povos não podiam vir rezar à Senhora da Fátima, no seu Santuário, foi a Senhora visitá-los, por meio da sua Imagem, às suas próprias terras.

A Exposição do Castelo de S. Jorge é um *mapa-mundi* do fervor com que, por toda a parte, a Veneranda Imagem foi acolhida. Quando pela primeira vez saiu do Santuário, pareceu a muitos que o facto era estranho e porventura discutível e censurável. Não tinha seu ar de culposamente externo e supersticioso o que se passava?

A vida encarregou-se de destruir a lógica vã dos homens. Que as viagens da Imagem Peregrina, pelas sete partidas do mundo, eram queridas de Nossa Senhora, verifica-se na alegria, e no deslumbramento, e nas súplicas, e nas acções de graças com que foi recebida.

De tudo é vivo reflexo aquela Exposição. Já não são apenas notícias dispersas ou distanciadas que chegam ao nosso espírito, traduzindo apoteoses de almas em festa. Num relance, perante a profusão das ofertas, valiosas umas, outras de menos valor material, mas todas preciosas no seu significado de espiritualidade, percorre-se a terra inteira e entra-se em contacto com os povos — católicos, maometanos, judeus e pagãos — que louvam a Senhora e lhe cantam as suas esperanças e lhe gritam as suas agonias.

As lembranças oferecidas a Nossa Senhora manifestam a universalidade da Mensagem da Fátima e possuem indiscutível valor material; mas esse não é o seu valor maior.

Em cada uma delas está presente uma alma.

Não o esquecerá a Senhora.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

Exposição dos objectos oferecidos a Nossa Senhora Peregrina

No dia 1 de Junho, abriu em Lisboa, no Castelo de S. Jorge, uma Exposição dos objectos oferecidos à Imagem Peregrina de Nossa Senhora da Fátima nas suas viagens pelo mundo.

Presidiu ao acto inaugural Sua Em.^a o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e assistiram Suas Ex.^{as} Rev.^{mas} os Senhores Nuncio Apostólico, Bispo de Durban e de Leiria, Geral dos Oblatos de Maria Imaculada, membros do Governo, representantes diplomáticos dos países até hoje visitados e muitas outras pessoas do maior relevo.

Falou em primeiro lugar a Sr.^a D. Maria Teresa Pereira da Cunha, sobre a acção do Rev. P.^o Demoutiez na peregrinação e do Sr. Dr. Cayola Zagalo, Conservador do Palácio da Ajuda, na organização da Exposição.

O Senhor D. José Alves Correia da Silva proferiu também algumas palavras de agradecimento às individualidades presentes e sobre a projecção da Mensagem da Fátima no mundo.

Depois do acto inaugural, todos percorreram demoradamente a Exposição, de que fizeram os maiores e mais justos encómios.

A Exposição esteve aberta até ao dia 2 de Julho e foi visitada por muitos milhares de pessoas. A seguir, os objectos virão para o Santuário, onde se lhes prepara instalação condigna.

Uma imagem de Nossa Senhora da Fátima, enviada pelo Senhor Bispo de Leiria para a Terra Santa, foi ali piedosa e entusiasticamente recebida. Nem lhe faltou o acompanhamento das pombas, como se vê na gravura ao lado, que mostra a imagem na capela dos Irmãos Maristas, em Haifa.

A gravura de baixo mostra a entrada triunfal de Nossa Senhora na sua cidade de Nazaré, de onde partiu depois para uma peregrinação ás terras da Galileia e até Jerusalém, quase sempre acompanhada das pombinhas.



Mensagem de Amor

6. Visão do outro Mundo (2)

Foi na 3.ª Aparição, a 13 de Julho de 1917.

Nossa Senhora tinha exortado as crianças a sacrificarem-se pelos pecadores, quando, abrindo as mãos, de novo deixou cair sobre a terra os reflexos da sua luz.

O espectáculo que no mesmo instante se ofereceu aos olhares espantados dos videntes, descreve-o Lúcia nestas poucas frases, cuja simplicidade faz ressaltar a trágica objectividade:

«...Vimos como que um mar de fogo; mergulhados nesse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas nos grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero, que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguíam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa...»

E Nossa Senhora explicou então, com uma tristeza inexprimível: «Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores». E acrescentou logo, Mãe compassiva, aflita pela perda de tantos filhos queridos: «Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Coração».

Os pastorinhos jamais perderam a lembrança desta cena tão rápida como horrorosa. A Jacintinha, principalmente, ficou como alheia de si, impressionada, subjugada. O pensamento das penas sem fim a que se expõem aqueles que vivem no pecado, fá-la viver numa angústia contínua e leva-a a multiplicar orações e sacrifícios para obter-lhes a conversão.

É muito significativa a este respeito a conversa que ela um dia teve com a Lúcia e que esta nos transmite:

— Quem vai para o inferno nunca mais de lá sai?

— Não.

— E depois de muitos, muitos anos?

— Não; o inferno nunca acaba...

— Mas olha, então depois de muitos, muitos anos, o inferno ainda não acaba?...

E aquela gente que lá está a arder não morre?... E não se faz em cinza?... E se a gente rezar muito pelos pecadores, Nosso Senhor livra-os de lá? E com os sacrifícios também?...

Lúcia teve de responder com a negativa, «pois morreram em pecado mortal»; mas pode-se rezar e fazer sacrifícios para que se convertam, como a Senhora recomendou.

— Coitadinhos! concluiu Jacinta. Havemos de rezar e fazer muitos sacrifícios por eles.

A vista daquela multidão reunida no lugar das Aparições, fá-la voltar sempre ao círculo das suas sobrenaturais preocupações. E sugere à Lúcia:

— Há-de dizer àquela Senhora que mostre o inferno a toda aquela gente. Verás como se convertem.

— O inferno! O inferno! repetia com frequência e como falando consigo mesma. Que pena eu tenho das almas que vão para o inferno! E as pessoas lá vivas, a arderem como lenha no fogo!...

As vezes agarrava-se à Lúcia e dizia:

— Eu vou para o Céu, mas tu que ficas cá, se Nossa Senhora te deixar, diz a toda a gente como é o inferno, para que não façam mais pecados e não vão para lá.